

# As quase três décadas de produção em Historiografia Linguística brasileira: um panorama acerca da produção nacional



OPEN ACCESS

EDITADO POR

- Gonçalo Fernandes (UTAD)
- Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)
- Ronaldo Batista (UPM)

AVALIADO POR

- Neusa Bastos (PUC-SP)
- Nancy Casagrande (PUC-SP)

SOBRE OS AUTORES

- Meryane Sousa Oliveira  
Conceptualização,  
Investigação, Metodologia,  
Administração do Projeto,  
Escrita – rascunho original,  
Escrita – análise e edição,  
Visualização.
- Marcelo A. Limeira dos Anjos  
Conceptualização,  
Administração do Projeto,  
Supervisão, Escrita – análise e  
edição, Validação.

DATAS

- Recebido: 21/08/2021
- Aceito: 14/09/2021
- Publicado: 07/12/2021

COMO CITAR

Oliveira, M. S.; Anjos, M. A. L. (2021). As quase três décadas de produção em Historiografia Linguística brasileira: um panorama acerca da produção nacional. *Revista da Abralín*, v. 20, n. 3, p. 522-547, 2021.

Meryane Sousa OLIVEIRA

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Marcelo Alessandro Limeira dos ANJOS

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

RESUMO

Este artigo propõe-se a apresentar um mapeamento inicial acerca da produção brasileira em Historiografia Linguística (doravante, HL), nas quase três décadas de implementação da área. O objetivo deste trabalho é oferecer um panorama sobre o “estado da arte” da disciplina, isto é, busca-se apresentar o que se conhece sobre a HL a partir de pesquisas já realizadas e de materiais produzidos. Para tanto, foi feito um mapeamento da produção em HL, que contemplou apenas alguns pontos relevantes da produção brasileira, tais como: a quantidade de pesquisadores, de grupos em HL, de materiais já produzidos, de grupos de especialidade em HL por região do Brasil, além das temáticas mais abordadas em trabalhos acadêmicos e das disciplinas já ministradas em HL. A pesquisa contou, ainda, com um corpus constituído por informações retiradas do Lattes de pesquisadores que, de certo modo, evidenciam interesse pelo desenvolvimento de pesquisas na área ou que se autovinculam teórico-metodologicamente com a HL. O estudo será baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da HL (ou caros a ela), seguindo categorias analíticas, como: grupos de especialidade (MURRAY, 1994), dimensão interna e externa (ALTMAN, 1998) e a relevância de pesquisas sobre o tempo presente (BÉDARIDA, 2006; RÉMOND, 2006; BASTOS E PALMA, 2008). As informações colhidas permitem

reconhecer a HL como uma disciplina autêntica e legitimada pelas universidades e pelos pesquisadores brasileiros, sobretudo pela quantidade de materiais catalogados que, de certo modo, comprovam o esforço feito por parte dos pesquisadores em divulgar as ideias, a teoria e a metodologia que são próprias da área.

### ABSTRACT

This paper aims at presenting an initial mapping of the Brazilian production in Linguistic Historiography (from now on HL), in the almost three decades of implementation of the area. The objective of this work is to offer an overview of the state of the art of the subject, that is, it seeks to present what is known about HL based on researches that have already been carried out and materials that have been produced. For this, a mapping of production in HL was done, which contemplated only a few relevant points concerning Brazilian production, such as: the number of researchers, groups in HL, materials produced, specialty groups in HL by region of Brazil, in addition to the most discussed themes in academic works and the courses already taught in HL. The research has also had a corpus consisting of information taken from Lattes of researchers who, in a way, show interest in the development of research in the area or who are theoretical-methodologically linked to HL. The study will be based on the theoretical-methodological assumptions of HL (or the ones relevant to it), following analytical categories such as: specialty groups (MURRAY, 1994), internal and external dimensions (ALTMAN, 1998) and the relevance of research on time present (BÉDARIDA, 2006; RÉMOND, 2006; BASTOS E PALMA, 2008). The information obtained allows us to recognize HL as an authentic and legitimated subject by Brazilian universities and researchers, especially due to the number of cataloged materials that, in a way, prove the effort made by researchers to disseminate ideas, theory and methodology that are specific to the area.

### PALAVRAS-CHAVE

Historiografia Linguística. Mapeamento historiográfico. Produção brasileira.

### KEYWORDS

Linguistic Historiography. Historiographic mapping. Brazilian production.

## Introdução

A HL, enquanto disciplina ou como área de estudo independente, desponta no Brasil, por volta de 1993, a partir da constituição ou institucionalização de um grupo de estudo profissional, localizado na Universidade de São Paulo (USP), que, à época, pretendia firma-se sob uma base teórica e metodológica que estava, nas palavras de Swiggers (2018), “florescendo” em alguns países e sendo praticada por estudiosos competentes.

Um ponto relevante sobre a HL no Brasil é o fato de, em pouco menos de três décadas, essa área de pesquisa ter ganhado espaço em diversas regiões do país. Esse fato pode ser comprovado pela quantidade de trabalhos<sup>1</sup> que já foram e que vêm sendo defendidos nos programas de pós-graduação nas principais universidades do país, além, é claro, de uma quantidade significativa de artigos, livros e eventos, só para citar alguns produtos que tomam a HL como base teórico-metodológica.

Partindo desse fato, este artigo visa apresentar os resultados preliminares de uma pesquisa, cujo intuito é situar o “estado da arte” da disciplina, isto é, divulgar o que se conhece a respeito da HL no Brasil a partir de pesquisas já realizadas e de materiais produzidos sobre a área. O recorte temporal da pesquisa compreende o período de 1993 a 2020. A delimitação de tal período relaciona-se ao fato de o ano de 1993 ser o período em que se tem a implantação do primeiro grupo de pesquisa na área da HL no Brasil e de o ano de 2020 compreender mais uma década de produção na área. A delimitação desse período, especificamente o ano de 1993, não deve ser encarada como o marco inicial da HL no Brasil, isto é, não se pode afirmar que as reflexões ou discussões sobre a HL tiveram início somente a partir desse momento. Contudo, esse ano pode ser considerado como uma data que representa o momento em que um grupo de pesquisadores passa a se reconhecer e a produzir como um “grupo de especialidade” (MURRAY, 1994) nomeado de Historiografia Linguística ou Historiografia da Linguística no Brasil.

Neste artigo, pretende-se expor, sem pretensão de exaustividade, dados colhidos sobre os pesquisadores e os principais grupos de especialidade em HL já consolidados em universidades brasileiras, incluindo seus respectivos líderes. Além disso, a pesquisa buscou investigar a produção de materiais, de trabalhos já orientados e de disciplinas ministradas em que a HL é tomada como suporte teórico-metodológico. A pesquisa contou, ainda, com informações retiradas do currículo Lattes de 35 professores pesquisadores que, de certo modo, evidenciam seu interesse pelo desenvolvimento de pesquisas na área da HL ou, dito de outra forma, que se autovinculam teórico-metodologicamente com a HL.

Feitas essas considerações iniciais, passa-se, na próxima seção, a uma breve apresentação da HL, a fim de vislumbrar sua importância e sua pertinência para os estudos linguísticos no Brasil.

---

<sup>1</sup> O Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES apresenta como resultado 131 trabalhos para o filtro “Historiografia Linguística”. Para mais informações, ver: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>.

## 1 Uma breve explicação, para começar

A HL é uma área de pesquisa que começa a se institucionalizar, na Europa, a partir da década de 1970, e que passa a contar com diversas sociedades científicas, associações, periódicos especializados e grupo de trabalhos<sup>2</sup>, em diversos países do mundo, nos quais a HL é o foco dos estudos (cf. ALTMAN, 2012; BATISTA, 2013; KOERNER, 2014 [1994<sup>3</sup>]; SWIGGERS 2004, 2009, 2013).

No Brasil, é a partir da década de 1990 que trabalhos que seguem as propostas da HL ou da História das Ideias Linguísticas (doravante, HIL) passam a ser o foco de investigação nas universidades. Essas duas vertentes têm como principais divulgadores Konrad Koerner, Pierre Swiggers e Sylvain Auroux. Segundo Batista (2013), apresentam-se como os primeiros grupos na área a terem relevância nacional o CEDOCH (Centro de Documentação em Historiografia da Linguística) no Departamento de Linguística da USP; o Instituto de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientiae* dos cursos de Letras de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e da Universidade Presbiteriana Mackenzie e o grupo de pesquisadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Do ponto de vista da concepção teórica adotada neste artigo, apesar de a UNICAMP ser citada em vários trabalhos e livros como um centro de referência para divulgação das primeiras ideias relacionadas ao pensamento historiográfico, entende-se que os trabalhos desenvolvidos nesta instituição não se filiam diretamente à HL, mas, sim, à HIL, tendo como principais professores orientadores: Claudia Regina Castellanos Pfeiffer, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, Eduardo Guimarães, só para citar os precursores. Desse modo, por entender a HL e a HIL como áreas distintas, ou seja, diferem-se tanto no que diz respeito ao quadro teórico quanto aos objetos de estudo<sup>4</sup>, a análise do material que servirá de *corpus* para esta pesquisa não contará com trabalhos que se filiam à vertente da HIL.

<sup>2</sup> De acordo com Altman (2021), a HL, principalmente do ponto de vista de sua teorização, tem se desenvolvido satisfatoriamente nos últimos anos. A pesquisadora reconhece que existem, pelo menos, “cinco periódicos especializados, várias sociedades científicas, boletins, antologias, colóquios e encontros internacionais consolidados” na área (ALTMAN, 2021, pp. 234-235). A lista apresentada pela autora, que de certo modo legitimaria essa produção, conta com os seguintes nomes, a saber: “*Historiographia Linguistica* (1974-), *Histoire, Epistémologie, Langage* (1979-), *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft* (1991-), *Revista Argentina de Historiografía Lingüística* (2008-), *Language and History* (2009-), além dos boletins publicados regularmente pelas sociedades científicas e grupos de trabalho: a *Société d’Histoire et d’Épistémologie des Sciences du Langage*, desde 1979; a *Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas*, desde 1984 (1984-1997; 1997-2009); a *North American Association for the History of the Language Sciences* (NAAHoLS), desde 1987; a *Sociedad Española de Historiografía Lingüística*, desde 1997, e, desde 1999, a *Sociedade Mexicana de Historiografía Lingüística* (ALTMAN, 2021, p. 235, grifos da autora).

<sup>3</sup> O artigo *Historiography of Linguistics* é datado de 1994. Para esta pesquisa, foi usada a tradução feita por Susana Fontes, no livro *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados* (2014). No caso de obras antigas e traduzidas, optou-se por citar a data da publicação da tradução de 2014, seguida do ano do texto original. Em casos análogos, será adotada a mesma sistemática.

<sup>4</sup> Sobre essa questão, é importante retomar as palavras de Leite (2019), que, apesar de reconhecer que HL e HIL têm objetivos comuns, notadamente pelo fato de ambas proporem-se a “analisar e interpretar o conhecimento linguístico tecido no tempo e no espaço” (LEITE, 2019, p. 140), não deixa de considerar as especificidades de cada uma, principalmente com relação ao objeto de estudo, à epistemologia e à metodologia que lhes dão suporte. Com relação ao objeto de investigação, a autora afirma que “o objeto

Conforme Altman (1998), um historiógrafo da Linguística deve realizar “uma atividade de seleção, ordenação, reconstrução e interpretação dos fatos relevantes (história *rerum gestarum*<sup>5</sup>) para o quadro de reflexão que constrói o historiógrafo” (ALTMAN, 1998, p. 24). Os trabalhos em HL não devem ser entendidos como compilações de informações sobre as línguas ou a linguagem, mas como estudos que tomam o conhecimento linguístico, produzido em determinado momento e contexto, como seu objeto de estudo e de reflexão. Assim, a tarefa da HL não pode se resumir à listagem e/ou datação, mas a atividades efetivas de descrição e análise linguística (cf. ALTMAN, 1998).

A próxima seção versará sobre o limite temporal delimitado para esta pesquisa, bem como a implicação dessa periodização na caracterização de uma historiografia do tempo presente.

## 2 Algumas questões sobre historiografia do tempo presente

Um primeiro aspecto significativo sobre o tempo presente refere-se às relações entre história e tempo. Entende-se, pois, o tempo presente como um componente relacionado à história contemporânea<sup>6</sup> que remete a um novo, ou legítimo, meio de se proceder historiograficamente (BÉDARIDA, 2006) ou, ainda, como a delimitação de um campo que se constitui como objeto da história (RÉMOND, 2006).

Muito já se debateu sobre esse tema, sobretudo no que concerne à relevância dos estudos nessa área, além do fato de o tempo presente se constituir como uma tradição<sup>7</sup> de estudos que, como bem ilustra Bédarida (2006), “remonta a Heródoto e a Tucídides” (BÁDARIDA, 2006, p. 220).

---

de trabalho não é o mesmo para cada uma. Para a HL, o objeto é constituído das teorias linguísticas, produzidas ao longo do tempo; para a HIL, o objeto são os conhecimentos, ou as ideias, linguísticos, produzidos na longa duração do tempo” (op. cit., 2019, p. 161, grifo da autora). No que diz respeito à epistemologia e à metodologia, ainda com a autora, “A Historiografia Linguística parece ter uma carga mais metodológica do que teórica, e a História das Ideias, ao contrário, organiza-se mais com base em discussões epistemológicas, não se descurando, porém, da metodologia” (op. cit., 2019, p. 150).

<sup>5</sup> No *Dicionário de Filosofia*, de Nicola Abbagnano, o termo *história rerum gestarum* é assim descrito “o conhecimento de tais fatos ou a ciência que disciplina e dirige esse conhecimento” (ABBAGNANO, 2007, p. 502), ou seja, o termo história, nessa perspectiva, significa o conhecimento dos fatos ou a ciência que estuda os acontecimentos no tempo.

<sup>6</sup> A noção de “contemporâneo” ou de “contemporaneidade” já foi objeto de reflexão de alguns historiadores. Dosse (2012), em artigo intitulado *História do Tempo Presente e Historiografia*, apresenta algumas dessas ideias. Segundo o autor, Jean-François Soulet prefere utilizar a noção de contemporâneo relacionada a uma “história imediata”; Pierre Laborie, por sua vez, prefere utilizar a noção de “história do muito contemporâneo” e Antoine Prost que, ao refletir sobre o termo, prefere entender que “a história do tempo presente não é nada mais do que a história em si”. Já para Dosse, o problema que se coloca com relação a essa noção é a ideia de se saber “como o presente é construído no tempo” (DOSSE, 2012, p. 6), ou seja, é preciso esclarecer que a história do tempo presente se difere da história imediata, já que ela implicaria uma ação de mediação. Dosse, para essas questões, baseia-se em Pierre Nora, que entende que o contemporâneo é “meio-termo também entre passado e presente”. Este artigo aproxima-se das ideias divulgadas por Dosse. Para um estudo mais detalhado, ver Dosse (2012).

<sup>7</sup> Na HL, o termo “tradição” ou “tradição de pesquisa” pode ser usado como uma categoria analítica, isso ajuda o historiógrafo a compor uma unidade coerente de investigação. De modo geral, essa definição aplica-se bem à história da Linguística por considerar

A atividade de pesquisa que toma por objeto fatos recentes depara-se com uma realidade em que o fato estudado se encontra muito próximo do momento do acontecimento. Esse fator, na visão de muitos historiógrafos/historiadores, acabaria por comprometer o distanciamento desejável que o pesquisador deve ter do seu objeto de análise. Nesse sentido é que as diversas pesquisas na área da História<sup>8</sup>, sobre o tempo presente, têm promovido inovações teóricas e metodológicas no campo da produção historiográfica. Entretanto, vale ressaltar que trabalhos nessa área ainda são vistos com certa desconfiança por parte de alguns membros da comunidade de historiadores, dado que é muito sólida, ainda, a ideia de que é necessário existir um distanciamento temporal entre pesquisador e objeto.

A explicação de Chartier (2006), sobre a relação historiador/ objeto/ tempo, delimita o campo de atuação, além de esclarecer pontos importantes relacionados aos limites e aos alcances dessa investigação histórica. Assim, para o autor:

[...] o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e portanto partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais. Ele é pois o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve. Para os historiadores dos tempos consumados, o conhecimento histórico é sempre uma difícil operação de tradução, sempre uma tentativa paradoxal: manifestar sobre o modo de equivalência um afastamento irreduzível. Para o historiador do tempo presente, parece infinitamente menor a distância entre a compreensão que ele tem de si mesmo e a dos atores históricos, modestos ou ilustres, cujas maneiras de sentir e de pensar ele reconstrói (CHARTIER, 2006, p. 216).

As palavras de Chartier, expostas na citação acima, levantam algumas questões acerca do papel e da função daquele que se propõe a investigar objetos contemporâneos. Para o autor, o historiador/historiógrafo do tempo presente, apesar das dificuldades que enfrenta, por ter de lidar com materiais produzidos em um espaço/tempo relativamente curto, se considerados o momento de produção do material e a avaliação que se faz dele, poderia ser considerado o pesquisador 'ideal', caso isso fosse possível, para dar um parecer sobre as fontes ou, retomando suas palavras, "o único que pode superar a descontinuidade fundamental que costuma existir entre o aparato intelectual, afetivo e psíquico do historiador e o dos homens e mulheres cuja história ele escreve" (CHARTIER, 2006, p. 216). Isso porque se a falta de distância entre o investigador e seu objeto de estudo, no tempo, no entendimento de alguns, comprometeria a visão retrospectiva sobre os processos históricos tão cara a um grupo de pesquisadores mais tradicionalista, na visão de Chartier, esse mesmo ponto poderia acarretar certos equívocos de interpretação, dado que a fonte se encontra em um passado distante do investigador. Diante disso, a proximidade com o objeto de análise não seria um obstáculo ou mesmo um problema, pelo contrário, poderia promover um melhor entendimento da realidade estudada. Oportunas, ainda, são as palavras de Rémond (2006), quando afirma que "A

---

que cada obra passa a adquirir um valor na composição da história da disciplina e esses objetos culturais, salvaguardadas suas particularidades, podem constituir-se como uma tradição. Sobre essa discussão, ver Laudan (2011 [1978]) e Alonso (2012).

<sup>8</sup> Na HL, remete-se a estudos mais sistematizados que envolvem objetos do tempo presente, principalmente, a partir dos trabalhos organizados e divulgados pelas professoras Bastos e Palma, da PUC-SP.

história do tempo presente é um bom remédio contra a racionalização *a posteriori*, contra as ilusões de ótica que a distância e o afastamento podem gerar” (RÉMOND, 2006, p. 209).

Cabe mencionar que, apesar de toda uma tradição na área, que remonta à Antiguidade Clássica, é no pós-guerra, especialmente na Alemanha e na França, que esse novo campo da História se desenvolve de forma mais expressiva, apesar de muitos historiadores, nesse momento, não reconhecerem a legitimidade dos estudos do tempo presente, bem como sua incorporação como objeto da História. Conforme Ferreira (2000):

O estudo do século XX ganhou maior legitimidade na França a partir da Segunda Guerra, quando foi criado o Comitê de História da Segunda Guerra Mundial, destinado a promover iniciativas na área de documentação e pesquisa sobre o tema. Nos anos seguintes esse interesse ampliou-se, levando os poderes públicos a tomar a decisão de criar no CNRS um laboratório que teria por objetivo estudar o tempo presente. Nascia assim em 1978, sob a liderança de François Bédarida, o Institut d' Histoire du Temps Présent em Paris (FERREIRA, 2000, pp. 9-10).

Esse tipo de história baseia-se em princípios pautados na necessidade de estudos da história recente, a fim de promover uma conexão entre o presente, o passado e o futuro. Passarini (2006) apresenta os estudos do tempo presente como uma “lacuna’ entre passado e futuro” (PASSARINI, 2006, p. 213). Assim, para a referida autora, o presente apresenta-se como uma descontinuidade, isto é, o presente não é um *continuum*, mas, sim, o momento em que o pesquisador se encontra, tendo que se posicionar entre as narrativas passadas e as que estão por vir.

À Linguística também cabe discernir melhor em que consiste os estudos que tomam por base o tempo presente. Na área da HL, Bastos e Palma (2008) tecem algumas considerações sobre a investigação de objetos contemporâneos relacionados à perspectiva linguística. Para as autoras, o historiógrafo do tempo presente deve “definir seu campo de investigação, seu método, as fontes disponíveis e as posições que assume frente à história da qual é participante” (BASTOS; PALMA, 2008, p. 15).

Para corroborar e reforçar o lugar e a importância das ideias expostas até o presente momento, há que se esclarecer, ainda, que a “história do tempo presente” não é uma “história do instante” e, como afirma Rémond (2006), “é preciso denunciar a confusão entre uma história da proximidade e uma história da instantaneidade” (RÉMOND, 2006, p. 207). O tempo presente é, portanto, um olhar do pesquisador para a atualidade que o cerca, buscando invocar a importância de determinado fato antes que a distância e o afastamento do tempo possam afastar o evento histórico de seu olhar.

Como bem alerta Altman (2021), “Uma historiografia linguística sobre determinado período, ou tradição, é, pois, função não apenas do objeto selecionado, mas também do historiógrafo que o seleciona, descreve e interpreta” (ALTMAN, 2021, p. 239), ou seja, é função do historiógrafo explicitar seu *modus operandi* para que, assim, seus procedimentos e escolhas sejam avaliados. Essa observação legitima a importância da demarcação do limite temporal definido para este artigo, no caso, o período de implantação do primeiro grupo de pesquisa na área da HL no Brasil, em 1993, até o ano de 2020.

Esta historiografia se constitui a partir de um percurso interpretativo que circunscreve um tempo, um lugar e alguns grupos de especialidade. Diante disso, na próxima seção, será apresentada

uma breve discussão teórica sobre essa categoria que permitirá observar tanto a formação de determinados grupos em HL, quanto a relação entre grupos e as teorias que lhes dão suporte.

### 3 A formação de grupos de especialidade em Historiografia Linguística

Em uma pesquisa historiográfica, há que se considerar dois parâmetros tidos como complementares: parâmetros internos e externos de pesquisa (cf. ALTMAN, 1998). Segundo Altman (1998), a dimensão interna relaciona-se à “dimensão cognitiva do desenvolvimento da disciplina” (ALTMAN, 1998, p. 25), isto é, a investigação volta-se para a análise interna dos documentos históricos, enquanto à dimensão externa interessa o “individual e social” (*op. cit.*, p. 25), de modo que se sobrelevam, nessa perspectiva, os aspectos sociais e o contexto histórico como legitimadores da historiografia que se quer construir.

Vale ressaltar que um empreendimento historiográfico não corresponde à verdade absoluta dos fatos ou à totalidade da história, ao invés disso, ele representa uma análise interpretativa possível dentre tantas e, como afirma Batista (2020), “o olhar do historiador é seletivo e adota um ponto de vista que considera alguns elementos e descarta outros” (BATISTA, 2020, p. 33).

Considerando, pois, esse “olhar seletivo” que o historiógrafo deve ter, esta seção foca na dimensão externa, especificamente, de modo a evidenciar os grupos de especialidade, designação de Murray (1994)<sup>9</sup>. Na perspectiva de Murray (1994), esses grupos de especialidade consistem em grupos formados por profissionais que produzem ciência em universidades e que têm como centro de interesse uma especialidade de pesquisa.

A consolidação de um grupo de especialidade, de acordo com o autor, leva em conta alguns processos que vão desde a identificação de estágios ideais<sup>10</sup> para a formação dos grupos até a consideração de algumas variáveis intrínsecas aos cientistas.

Para Murray (1994), existem pelo menos quatro estágios considerados ideais, que podem ser assim sumarizados:

- (i) O primeiro estágio ou “estágio normal” caracteriza-se como uma etapa de poucas trocas ou relações sociais entre os pesquisadores, estes geralmente encontram-se em universidades distantes umas das outras. É nesse estágio em que se reconhece a existência de um trabalho que identifique e estabeleça determinadas ideias, entretanto, o que se

---

<sup>9</sup> Murray, para o desenvolvimento dessas ideias, baseia-se principalmente nos trabalhos de Mullins (1966; 1972; 1973).

<sup>10</sup> O termo “ideal”, impresso na expressão “estágios ideais”, não deve ser entendido como um modelo fechado, que deve ser seguido de forma sequencial, sem flexibilidade, mas como afirma Batista (2007), “É mais um modelo de observação a respeito do estabelecimento de grupos de especialidade em determinado universo intelectual” (BATISTA, 2007, p. 28), ou seja, os estágios seriam etapas a serem consideradas no processo de formação de grupos de especialidade.



observa é que os trabalhos dificilmente acontecem em coautorias, além do fato de que não há recorrência de trabalhos coletivos.

- (ii) O segundo estágio é marcado pelo reconhecimento de uma liderança, o “líder intelectual” e/ou o “líder organizacional”. Nesta etapa, os líderes são responsáveis pela formação do quadro de estudantes e do recrutamento de pesquisadores mais experientes que devem ser convencidos pelos líderes de que algo novo deve ser feito ou pesquisado. Segundo Murray (1994), apoiado em Mullins (1972), esses líderes geralmente são carismáticos<sup>11</sup> já que o contato em um primeiro momento é baseado em promessas e na boa vontade dos participantes.
- (iii) O terceiro estágio ou estágio do “sucesso” é caracterizado pela expansão, além do reconhecimento social e intelectual, das ideias de um novo grupo que está em formação. Nesse estágio, os pesquisadores reconhecem-se como pertencentes a um grupo ou, nos termos de Murray (1994), “dentro do grupo”, o que acarreta mais motivação e comprometimento. A relação professor-aluno fica mais próxima e os estudantes formados pelos líderes intelectuais, ao alcançarem reconhecimento acadêmico, passam a formar novas gerações. O sucesso do grupo amplia a rede de relações com outros grupos, novos estudantes/pesquisadores são recrutados, o que fortalece a autoimagem do grupo.
- (iv) No quarto estágio, há o reconhecimento acadêmico do grupo. Os pesquisadores têm consciência de que fazem parte de um grupo, produzem trabalhos seguindo uma tradição de pesquisa e é nesta fase em que se tem uma maior produção de trabalhos em coautoria. Um fator relevante para a consolidação do grupo está relacionado à institucionalização<sup>12</sup>, uma vez que o reconhecimento de uma instituição de ensino e o suporte financeiro concedido por ela são fatores importantes para fortalecimento do grupo de especialidade.

A formação de um grupo de especialidade, conforme visto acima, passa por etapas que vão desde um processo inicial, em que uma ideia começa a ser amadurecida por pesquisadores, passando pelo reconhecimento de uma liderança intelectual e organizacional, promotora de boas ideias capazes de serem desenvolvidas e executadas, até a formação embrionária de grupo que passa a ser

---

<sup>11</sup> No que se refere ao carisma que o líder deve ter, Murray (1994) afirma que “O carisma é um meio para alcançar a liderança, mas não é uma forma muito eficiente de administração” (MURRAY, 1994, p.17, tradução nossa), isso porque coordenar muitas pessoas demanda uma série de obrigações, de tomadas de decisões que culminam na criação de uma rotina e, com o tempo, os líderes tendem a ser tradicionalizados. Tradução nossa, do original em inglês: “Charisma is a means to attaining leadership, but not a very efficient form of administration” (MURRAY, 1994, p.17).

<sup>12</sup> A noção de institucionalização desenvolvida em Murray (1994) relaciona-se à ideia de um grupo que está ligado a uma instituição de ensino superior ou que adquire um caráter de instituição. Para mais detalhes, ver Murray (1994).

reconhecido entre os pares. A efetivação do grupo passa pelo reconhecimento de seus participantes como pertencentes a um grupo institucionalizado e que desenvolve determinada tradição de pesquisa. Nessa fase, o grupo de especialidade começa a formar e/ou a influenciar a formação de novos grupos.

Segundo Murray (1994), a formação de grupos de especialidade é uma das condições para o sucesso de uma teoria. Nessa perspectiva, um grupo precisa ser coerente, além de ser capaz de convencer a comunidade da relevância da teoria que defende. Com base em Mullins e Griffith (1972), Murray (1994) estabelece alguns pré-requisitos importantes para a consolidação de um grupo científico, a saber: boas ideias, liderança intelectual e liderança organizacional.

As “boas ideias”, primeiro requisito, seriam aquelas ideias julgadas pelos cientistas como boas para resolver problemas existentes ou para abrir novas áreas de pesquisa, entretanto, elas não podem ser consideradas suficientes ou elementos que garantam o sucesso de um grupo científico. O sucesso depende mais da boa formação do grupo do que da qualidade das ideias. O segundo requisito, “liderança intelectual”, é desempenhado pelos cientistas da área que buscam estabelecer o quadro de trabalho do grupo com a criação de programas, de trabalhos etc., que podem ser tomados como exemplares. O terceiro requisito, “liderança organizacional”, não necessariamente está relacionado à liderança intelectual e, por sua vez, tem a função de viabilizar tempo, recursos e outros incentivos para a pesquisa.

Para Murray (1994), a formação de grupos de especialidade requer o cumprimento das etapas acima listadas e dos pré-requisitos acima sumarizados de modo que, para o autor, não seria possível conceber a formação de um grupo de especialidade sem a presença dos fatores expostos, sendo que nenhum deles é autossuficiente e a presença de todos os elementos é necessária.

Isto posto, parte-se, no próximo tópico, para a correlação entre as ideias apresentadas supra e o modo como essas noções serão aplicadas neste artigo. O mapeamento da produção historiográfica brasileira permitirá perceber, a partir das fontes, o percurso e as escolhas dos grupos de especialidade em HL do Brasil.

## 4 Mapeamento da produção em Historiografia Linguística do Brasil

Nesta seção, será feito um mapeamento<sup>13</sup> da produção em HL do Brasil. Este mapeamento contemplará apenas alguns pontos relevantes da produção brasileira, tais como: a quantidade de

---

<sup>13</sup> Em evento virtual *I Workshop de Filosofia e História da Linguística*, transmitido no dia 13/11/2020 pela plataforma *Youtube*, a pesquisadora do CEDOCH-USP, Olga Coelho, apresenta uma definição para o que ela entende ser uma “estratégia de mapeamento historiográfico”. No *slide* espelhado pela apresentadora, tem-se a seguinte conceituação: “Exame de documentos que procura trazer à tona suas características mais básicas quando os pensamos como ‘repositórios materiais’ do conhecimento linguístico produzido/posto em circulação em determinados contextos” (COELHO, 2020). A informação aparece aos 22:27 (vinte e dois minutos e vinte e sete segundos), contados a partir do início do vídeo. Neste artigo, o uso do termo mapeamento aproxima-se da definição proposta pela pesquisadora citada. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5muPj0Huxtc>.

pesquisadores e de grupos em HL existentes no Brasil, a quantidade de materiais já produzidos na área e a concentração de grupos de especialidade em HL por região do Brasil. Antes, porém, há que se explicar que esta pesquisa contou com um *corpus* constituído por informações retiradas do *Lattes*<sup>14</sup> de pesquisadores que, de certo modo, evidenciam interesse pelo desenvolvimento de pesquisas na área da HL ou que se autovinculam teórico-metodologicamente com a HL.

### 4.1 Pesquisadores brasileiros e grupos de especialidade em Historiografia Linguística

Mapear e discutir a produção acadêmica de determinado campo do conhecimento pode ajudar a reconhecer certos aspectos e dimensões que ganharam/vêm ganhando espaço ou que foram/vêm sendo privilegiados em diferentes épocas e lugares. Esse tipo de pesquisa pode proporcionar a visualização da forma e das condições em que materiais foram/estão sendo produzidos e divulgados, bem como proporcionar leituras de como a produção de materiais pode ajudar na definição de um campo do saber de uma comunidade científica.

De modo geral, os resultados podem reforçar ideias ou impressões de certa forma já presumidas pela área como, por exemplo, a percepção de que a Linguística<sup>15</sup> ganha cada vez mais espaço nas universidades brasileiras pela propagação de cursos de graduação e de pós-graduação<sup>16</sup> e que, paralelamente a isso, há também o crescimento e divulgação das subáreas da Linguística, interessando a esta pesquisa mais especificamente a HL.

O ponto de partida desse mapeamento é a identificação da pesquisadora que deu início aos estudos em HL no Brasil, a saber: Cristina Altman, na USP, no ano de 1993. Segundo Swiggers (2018), é nesse ano em que há a “criação de um grupo de estudo sobre historiografia linguística na USP” (SWIGGERS, 2018, p. 22). Esse é, pois, o primeiro passo que favorecerá o recrutamento de estudantes, a formação de um grupo que se reconhecerá como historiógrafos da Linguística e, posteriormente, a institucionalização da disciplina nas universidades e a formação de novos grupos de especialidade em HL.

É a partir desse grupo embrionário na USP, liderado por Altman no início da década de 1990, que as ideias em HL começam a ser difundidas e hoje, menos de 30 anos depois, as pesquisas na área contam com pelo menos 35 pesquisadores, distribuídos em universidades públicas e privadas conceituadas no Brasil, que desenvolvem pesquisas em HL ou que se autodeclaram “historiógrafos da

---

<sup>14</sup> A escolha pelo *Lattes* como *corpus* desta pesquisa deu-se pela importância e credibilidade que a plataforma tem no meio acadêmico brasileiro. O Currículo *Lattes* é adotado pela maioria das instituições de fomento, universidades e institutos de pesquisa do país como uma plataforma que reúne informações confiáveis de estudantes e de pesquisadores do país. Para mais informações, ver <https://lattes.cnpq.br/>.

<sup>15</sup> O primeiro trabalho a divulgar uma historiografia da produção Linguística no Brasil é a tese de Altman (1998).

<sup>16</sup> Sugiyama Junior (2020), em sua tese de doutorado, faz um levantamento detalhado sobre o ensino de Linguística no Brasil. Na tese, é possível informar-se sobre os processos que levaram à institucionalização da disciplina, bem como sua expansão no Ensino Superior.

Linguística”. No quadro<sup>17</sup> abaixo, é possível visualizar o nome dos principais pesquisadores e as suas respectivas instituições de ensino:

| Pesquisador                            | Universidade de origem |
|--|------------------------|
| Maria Cristina Fernandes Salles Altman | USP                    |
| Olga Ferreira Coelho Sansone           | USP                    |
| Marli Quadros Leite                    | USP                    |
| Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos    | PUC-SP                 |
| Dieli Vesaro Palma                     | PUC-SP                 |
| Maria Mercedes Saraiva Hackerott       | PUC-SP                 |
| Marilena Zanon                         | PUC-SP                 |
| Nancy Aparecida Arakaki                | PUC-SP                 |
| Nancy dos Santos Casagrande            | PUC-SP                 |
| Jarbas Vargas Nascimento               | PUC-SP                 |
| Alessandro Jocelito Beccari            | UNESP                  |
| Jean Cristtus Portela                  | UNESP                  |
| Jorge Viana de Moraes                  | IFSP                   |
| Luciana Gimenes Parada dos Santos      | UNICID-SP              |
| Maurício Pedro da Silva                | UNIFMU-SP              |
| Regina Helena Pires de Brito           | UPM-SP                 |
| Vera Lúcia Harabagi Hanna              | UPM-SP                 |
| Ronaldo de Oliveira Batista            | UPM-SP                 |
| Maria Carlota Amaral Paixão Rosa       | UFRJ                   |
| Maria Aurora Consuelo Alfaro Lagorio   | UFRJ                   |
| Ruth Maria Fonini Monserrat            | UFRJ                   |
| Ricardo Stavola Cavaliere              | UFF-RJ                 |
| Leonardo Ferreira Kaltner              | UFF-RJ                 |
| Lorenzo Teixeira Vitral                | UFMG                   |
| Sebastião Elias Milani                 | UFG                    |
| José Borges Neto                       | UFPR                   |
| Carlos Alberto Faraco                  | UFPR                   |
| José Marcelo Freitas de Luna           | UNIVALI-SC             |
| Patrícia Silvestre Leite Di Iório      | UCS-RS                 |
| Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos   | UFPI                   |
| Francisco Eduardo Vieira da Silva      | UFPB                   |
| Leonardo Gueiros da Silva              | UFPB                   |
| Margarete von Mühlen Poll              | UFPB                   |
| Sonia Maria Nogueira                   | UEMA                   |
| Maria Cândida Drumond Mendes Barros    | UFPA                   |

QUADRO 1 - Pesquisadores brasileiros em HL18

Fonte: elaborado pelos autores

<sup>17</sup> De acordo com Rover e Mello (2020), o uso de quadros e tabelas, além de outros tipos de ilustrações, em um texto científico, ajuda a sintetizar os dados/informações de modo que o leitor perceba de maneira mais clara e objetiva importantes detalhes do texto. Os quadros apresentariam, portanto, “informações textuais de forma organizada para facilitar a compreensão do leitor” (ROVER; MELLO, 2020, p. 170), e as tabelas seriam compostas de “números e apresentam dados estatísticos que devem ser organizados de forma que possibilite o pleno entendimento” (ROVER; MELLO, 2020, p.171). A apresentação dos dados levantados nesta pesquisa levará em conta a distinção entre quadro e tabela.

<sup>18</sup> O critério usado para a organização dos pesquisadores foi o da ordenação por região, considerando, para tanto, a informação de que os primeiros grupos em HL surgiram na região Sudeste. Na sequência, segue-se a apresentação dos pesquisadores das regiões Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte.

O quadro mostra que a HL consta como uma linha de pesquisa já consolidada em todas as regiões do país (Sudeste, Centro-Oeste, Sul, Nordeste e Norte), salvaguardadas as devidas proporções. A maior concentração de pesquisadores está na região Sudeste, abrangendo os estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, totalizando 24 dos 35 pesquisadores. A segunda região que mais concentra pesquisadores na área é a região Nordeste, especificamente nos estados da Paraíba, Piauí e Maranhão, somando um total de 5 pesquisadores. A região Sul conta com 4 pesquisadores, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. As regiões Centro-Oeste e Norte contam com um pesquisador em cada estado, Goiás e Pará, respectivamente.

No Brasil, a formação de grupos em HL ocorreu de forma gradual e contínua e, no cenário atual, é possível reconhecer a existência de pelo menos 14 grupos que se dedicam a divulgar ideias e trabalhos, cujo aporte teórico-metodológico é a HL, como é possível ver no quadro a seguir:

| GRUPOS   | SEDE         | LÍDER/COORDENADOR  | ANO DE CRIAÇÃO     |
|--|--------------|--|--------------------|
| Grupo de Estudos em Historiografia da Linguística - Centro de Documentação em Historiografia Linguística (CEDOCH) <sup>19</sup>            | USP          | Maria Cristina Fernandes Salles Altman<br>Olga Ferreira Coelho Sansone | 1994 <sup>20</sup> |
| Instituto de Pesquisas Linguísticas <i>Sedes Sapientiae</i> - Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa (GPeHLP) <sup>21</sup> | PUC-SP       | Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos<br>Nancy dos Santos Casagrande     | 1996 <sup>22</sup> |
| Grupo de Trabalho Historiografia da Linguística Brasileira <sup>23</sup>   | Anpoll       | Coordenação quadrienal   | 1996               |
| Estudos Linguísticos e Internacionalização do Currículo <sup>24</sup>  | UNIVALI - SC | José Marcelo Freitas de Luna   | 2000               |
| Cultura e identidade linguística na lusofonia - CILL <sup>25</sup>   | Mackenzie    | Regina Helena Pires de Brito<br>Neusa Maria Oliveira Barbosa Bastos    | 2003               |

<sup>19</sup> Ver mais informações em: <http://cedoch.fflch.usp.br/membros>.

<sup>20</sup> O CEDOCH foi instaurado no Departamento de Linguística da USP em 1994, no entanto, o ano de formação que consta na identificação do CNPq é de 2007.

<sup>21</sup> Ver mais informações em: [http://www.ippucsp.org.br/grupos\\_pesquisa\\_gpehlp.html](http://www.ippucsp.org.br/grupos_pesquisa_gpehlp.html).

<sup>22</sup> O Centro de Pesquisas Linguísticas *Sedes Sapientiae* para Estudos de Português surgiu oficialmente em 1962, no entanto, os primeiros trabalhos do *Grupo de Pesquisa Historiografia da Língua Portuguesa* datam de 1996. Ver mais informações em: <http://www.ippucsp.org.br/atividades.html>.

<sup>23</sup> O grupo reúne os principais pesquisadores em HL do Brasil.

<sup>24</sup> O grupo é liderado pelo professor Dr. José Marcelo Freitas de Luna e, apesar de não fazer referência à HL no seu título, no site do CNPq fica evidente a associação à perspectiva teórica e metodológica da HL. Buscando mais respaldo à informação, outra pesquisa foi feita no Lattes do líder do grupo e os trabalhos comprovam a ligação do grupo à HL. Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/8765872661675561>.

<sup>25</sup> De acordo com as informações cadastradas no *Diratório dos Grupos de Pesquisa no Brasil Lattes*, o grupo desenvolve pesquisas numa perspectiva historiográfico-discursiva. Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelho-grupo/6890191218303087>.

|  |         |   |      |
|--|---------|---|------|
| Grupo de Pesquisa Historiografia da Linguística no Brasil <sup>26</sup>  | UFF     | Ricardo Stavola Cavaliere   | 2004 |
| Grupo de Pesquisa em Semiótica da Unesp (GPS-Unesp) <sup>27</sup>  | UNESP   | Jean Cristtus Portela   | 2013 |
| Grupo de Pesquisa Historiografia (da) Linguística: estudo de fontes pretéritas e contemporâneas <sup>28</sup>                | UFPI    | Marcelo Alessandro Limeira dos Anjos                                | 2015 |
| Historiografia: a construção da gramática <sup>29</sup>  | UFRJ    | Maria Carlota Amaral Paixão Rosa                                    | 2016 |
| Grupo de Estudos Mostragem e Desenvolvimento Epistemológico da Historiografia dos Estudos da Linguagem (IMAGO) <sup>30</sup> | UFG     | Sebastião Elias Milani  | 2017 |
| Grupo de Pesquisa Historiografia, Gramática e Ensino de Línguas (HGEL) <sup>31</sup>   | UFPB    | Francisco Eduardo Vieira da Silva<br>Maria del Pilar Roca Escalante | 2017 |
| Grupo de Estudos Linguísticos do Maranhão (GELMA) <sup>32</sup>  | UEMASUL | Maria da Guia Taveiro Silva<br>Sonia Maria Nogueira                 | 2017 |
| Grupo de Pesquisas FILIC: Filologia, Línguas Clássicas e línguas formadoras da cultura nacional <sup>33</sup>                | UFF     | Leonardo Ferreira Kaltner<br>Eduardo Tuffani Monteiro               | 2018 |
| Historiografia da Língua Portuguesa no Brasil <sup>34</sup>  | UFPB    | Margarete von Mühlen Poll   | 2019 |

QUADRO 2 – Grupos de pesquisa em HL

Fonte: elaborado pelos autores

A pesquisa mapeou 14 grupos filiados à HL, todos institucionalizados. O CEDOCH é o primeiro centro de estudos que congrega um grupo que se autodenomina “Grupo de Estudos em Historiografia Linguística”, dois anos depois se institucionaliza o GPeHLP, na PUC-SP, e é criado o Grupo de Trabalho em Historiografia da Linguística Brasileira, da Anpoll. São, portanto, esses três grupos que se formam durante a década de 1990. Nos 12 anos seguintes, isto é, de 2000 a 2012, surgem mais três grupos. No período que compreende os anos de 2013 a 2020, formam-se mais 8 grupos, sendo 2017

<sup>26</sup> Ver mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/9314426952196982>.

<sup>27</sup> O grupo é liderado pelo professor Dr. Jean Cristtus Portela e, apesar de não ter o nome Historiografia Linguística no título, desenvolve pesquisas no âmbito da HL. Ver mais informações em: <http://lattes.cnpq.br/2837392641069264>.

<sup>28</sup> Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/2196204928483826>.

<sup>29</sup> Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/299544>.

<sup>30</sup> Ver mais informações em: <https://imago.letras.ufg.br/n/26502-grupo-de-pesquisa-imago>.

<sup>31</sup> Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/6433198070413694>.

<sup>32</sup> Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/288984>.

<sup>33</sup> O grupo de pesquisa desenvolve projetos na área de Filologia, Historiografia da Linguística, Linguística Missionária e Gramaticografia. De acordo com o professor Leonardo Ferreira Kaltner, em e-mail pessoal, o grupo surgiu em 2014, com o intuito de trabalhar na área da Filologia e Crítica Textual. A partir de 2018 o grupo se vincula à HL.

<sup>34</sup> Ver mais informações em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/489538>.

o ano em que mais grupos foram cadastrados em plataformas oficiais, como o Diretório de Grupos de Pesquisa – Plataforma Lattes – CNPq. Observa-se, ainda, que a maioria dos grupos em HL se formam nas universidades públicas, com exceção da PUC-SP, da Mackenzie e da UNIVALI – SC.

No tópico seguinte desta seção, será apresentado um levantamento quantitativo dos materiais já produzidos na área da HL, desde a sua institucionalização no Brasil.

#### 4.2 A produção de materiais ao longo de quase três décadas de implantação da área

Nesta seção, foram catalogados os dados referentes à produção de cada pesquisador. As informações foram retiradas do Lattes, especificamente nos tópicos: i) “Artigos completos publicados em periódicos”; ii) “Capítulos de livros publicados”; iii) “Livros publicados/organizados ou edições” e iv) “Orientações”. Neste último tópico, em específico, avaliou-se os subtópicos: “Orientações e supervisões em andamento” e “Orientações e supervisões concluídas”, que incluem “Tese de doutorado”, “Dissertação de mestrado”, “Iniciação científica” e “Trabalho de conclusão de curso de graduação”.

Na tabela 1, a seguir, é possível visualizar a quantidade de materiais já produzidos em que a HL aparece como aporte teórico-metodológico.

|                             |     |
|-----------------------------|-----|
| Artigos publicados          | 232 |
| Capítulos de livro          | 218 |
| Livros                      | 62  |
| Orientação na graduação     | 126 |
| Orientação na pós-graduação | 173 |
| Total                       | 811 |

TABELA 1 - Quantidade total de materiais produzidos por historiógrafos brasileiros  
 Fonte: elaborada pelos autores

Foram contabilizados 811 produtos, sendo 232 artigos publicados em revistas com *qualis* ou internacionais, 218 capítulos de livros e 62 livros. Além disso, em nível de graduação, 126 trabalhos foram identificados, entre iniciações científicas e trabalhos de conclusão de curso. Em nível de pós-graduação, 173 produtos foram localizados, entre dissertações e teses, em andamento ou concluídas.

Passa-se agora à exposição dos dados coletados por região do Brasil a fim de apresentar uma visão geral das regiões que mais concentram pesquisas na área.

4.3 Descrição dos dados por região do Brasil

Neste levantamento sobre a produção historiográfica brasileira, a comparação entre a quantidade de materiais produzidos por região do Brasil aponta a região Sudeste como aquela que concentra a maior quantidade de produtos na área da HL.

A região Sudeste reúne um total de 24 pesquisadores, distribuídos em 10 universidades (USP, PUC-SP, UNESP, IFSP, UNICID-SP, UNIFMU-SP, UPM-SP, UFRJ, UFF-RJ e UFMG). Os dados da região Sudeste são os seguintes: 177 artigos, 178 capítulos de livros, 54 livros, 75 orientações na graduação e 133 orientações na pós-graduação.

A região Nordeste reúne 5 pesquisadores, distribuídos em 3 universidades (UFPI, UFPB e UEMA). Os dados da região Nordeste são os seguintes: 14 artigos, 17 capítulos de livros, 5 livros, 43 orientações na graduação e 17 orientações na pós-graduação.

A região Sul reúne 4 pesquisadores, distribuídos em 3 universidades (UFPR, UNIVALI-SC e UCS-RS). Os dados da região Sul são os seguintes: 27 artigos, 21 capítulos de livros, 1 livro, 0 orientação na graduação e 4 orientações na pós-graduação.

A região Centro-Oeste conta com 1 pesquisador na área da HL (UFG). Os dados da região Centro-Oeste são os seguintes: 10 artigos, 0 capítulo de livro, 2 livros, 7 orientações na graduação e 19 orientações na pós-graduação.

A região Norte conta com 1 pesquisador na área da HL (UFPA). Os dados da região Norte são os seguintes: 4 artigos, 2 capítulos de livros, 0 livro, 1 orientação na graduação e 0 orientação na pós-graduação.

A quantidade da produção por região pode ser visualizada no gráfico abaixo:

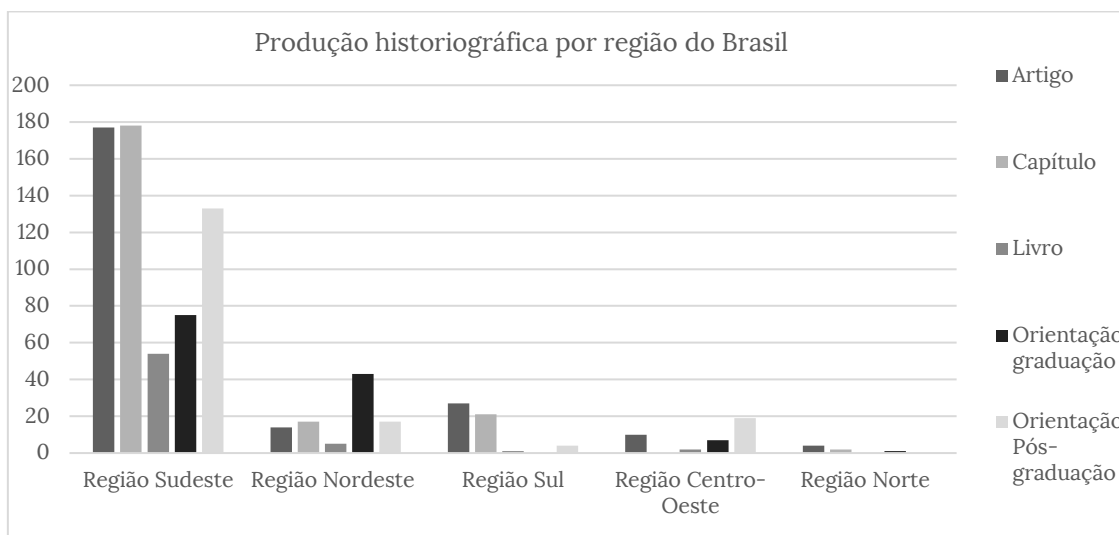


GRÁFICO 1: Produção historiográfica por região do Brasil

Fonte: elaborado pelos autores

Observe-se que a HL aparece como uma área de interesse de pesquisa presente em todas as regiões brasileiras, mesmo que em algumas, quando comparada a outras, a produção seja destoante.



Essa discrepância pode estar relacionada ao fato de a HL ter permanecido por algum tempo como uma disciplina pouco conhecida ou mesmo divulgada em algumas universidades brasileiras. Se observado com mais atenção o quadro 2, deste artigo, vê-se que de 1994 até o ano de 2014 só constam grupos formados por pesquisadores de universidades do eixo São Paulo-Rio. Isso não significa, no entanto, que pesquisadores de universidades brasileiras fora desse circuito já não conhecessem ou mesmo tivessem desenvolvido trabalhos na área, só demonstra que é somente a partir de 2015 que há um crescente interesse em se filiar, pelo menos em plataformas oficiais, à perspectiva teórico-metodológica da HL.

Feitas essas considerações acerca das regiões brasileiras que mais desenvolveram pesquisas na HL, passa-se ao detalhamento dos trabalhos orientados na pós-graduação no intuito de conhecer quais as temáticas e/ou objetos de predileção de pesquisa por parte de orientandos e, consequentemente, de orientadores.

#### 4.4 Mapeamento dos trabalhos orientados na pós-graduação por região, universidade e temática

Deve-se ressaltar que a produção dos orientandos passa a compor a produção dos pesquisadores pelo fato de que o orientador, na maioria das vezes, tem um papel fundamental na produção do aluno, tanto na graduação quanto na pós-graduação. O orientador direciona seu orientando a partir de intervenções, que podem se dar por meio de indicações de livros, sugestões de temas de pesquisa, revisões de textos etc., fatores que influenciam no resultado final do trabalho. Além disso, há que se mencionar que a produção dos alunos contribui para o fortalecimento de uma área de pesquisa em uma universidade. Diante disso, fez-se um mapeamento das dissertações e teses que serviram de *corpus* a esta pesquisa<sup>35</sup> no intuito de vislumbrar que objetos são mais investigados ou, melhor dizendo, que objetos despertam mais interesse por parte de novos pesquisadores em HL.

---

<sup>35</sup> O mapeamento das dissertações e teses na área da HL, nesta pesquisa, contou apenas com os trabalhos que já foram concluídos, não considerando, pois, dissertações e teses que estão em andamento. As informações estão organizadas na ordem decrescente de quantidade de trabalhos produzidos.

| Dissertações        | Descrição por temática/objeto investigado | Total | Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|---------------------|---|-------|-------|---|-------|
| 39                  | Autor                                     | 1     | 18    | Autor-obra                                | 7     |
|                     | Autor-obra                                | 6     |       | Autor-obra literária                      | 1     |
|                     | Autor-obra literária                      | 6     |       | Cartas                                    | 1     |
|                     | Acordo ortográfico                        | 1     |       | Cartilha                                  | 1     |
|                     | Crônicas                                  | 1     |       | Documentos oficiais                       | 1     |
|                     | Documentos da imprensa                    | 1     |       | Editorial                                 | 1     |
|                     | Emoticons                                 | 1     |       | Gramáticas de autores portugueses         | 1     |
|                     | Escrituras públicas de compra e venda     | 1     |       | Polêmica linguística                      | 1     |
|                     | Gramáticas de autores brasileiros         | 3     |       | Propagandas brasileiras                   | 1     |
|                     | Gramáticas de autores portugueses         | 1     |       | Sátiras                                   | 1     |
|                     | Intolerância linguística                  | 1     |       | Subordinação linguística e social         | 1     |
|                     | Letras de música                          | 1     |       | Tópico de gramática                       |       |
|                     | Linguística missionária                   | 1     |       |   |       |
|                     | Manuais de ensino                         | 1     |       |   |       |
|                     | Origem do português                       | 1     |       |   |       |
|                     | Polêmica linguística                      | 1     |       |   |       |
|                     | Proposta curricular                       | 1     |       |   |       |
|                     | Regimento                                 | 1     |       |   |       |
|                     | Relatório                                 | 1     |       |   |       |
|                     | Sátiras                                   | 1     |       |   |       |
| Seção de revista    | 2   |       |       |   |       |
| Sermão              | 1   |       |       |   |       |
| Testamento          | 1   |       |       |   |       |
| Tópico de gramática | 3   |       |       |   |       |

TABELA 2 - Região Sudeste/PUC-SP

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações        | Descrição por temática/objeto investigado | Total | Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|---------------------|---|-------|-------|---|-------|
| 20                  | Autor                                     | 4     | 13    | Autor-obra                                | 3     |
|                     | Autor-obra                                | 5     |       | Gramáticas de autores brasileiros         | 2     |
|                     | Área de pesquisa                          | 1     |       | Gramáticas de língua indígena             | 1     |
|                     | Gramáticas de autores brasileiros         | 1     |       | Língua espanhola                          | 1     |
|                     | Gramáticas de autores portugueses         | 1     |       | Língua indígena                           | 1     |
|                     | Gramáticas de língua indígena             | 2     |       | Língua japonesa                           | 2     |
|                     | Gramaticografia de línguas ibéricas       | 1     |       | Linguística brasileira                    | 1     |
|                     | Língua africana                           | 1     |       | Recepção de ideias linguísticas           | 1     |
|                     | Língua indígena                           | 2     |       | Textos lexicográficos                     | 1     |
| Tópico de gramática | 2   |       |       |   |       |

TABELA 3 - Região Sudeste/USP

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações        | Descrição por temática/objeto investigado | Total | Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|---------------------|---|-------|-------|---|-------|
| 13                  | Autor                                     | 2     | 5     | Autor                                     | 2     |
|                     | Autor-obra                                | 3     |       | Conceito                                  | 1     |
|                     | Conceito                                  | 2     |       | Métodos de estudo linguístico             | 1     |
|                     | Gramáticas de autores brasileiros         | 1     |       | Texto humorístico                         | 1     |
|                     | Manifesto literário                       | 1     |       |   |       |
|                     | Obra                                      | 1     |       |   |       |
|                     | Recepção de ideias linguísticas           | 1     |       |   |       |
|                     | Teoria                                    | 1     |       |   |       |
| Tópico de linguagem | 1   |       |       |   |       |

TABELA 4 - Centro-Oeste/ UFG

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações | Descrição por temática/objeto investigado | Total | Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|--------------|---|-------|-------|---|-------|
| 8            | Autor-obra                                | 2     | 2     | Autor-obra                                | 1     |
|              | Educação linguística para cegos           | 1     |       | Manuais de língua inglesa                 | 1     |
|              | Obra                                      | 1     |       |   |       |
|              | Tópico de gramática                       | 4     |       |   |       |

TABELA 5 - Região Sudeste/ UFF-RJ

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|--------------|---|-------|
| 5            | Contato entre línguas                     | 1     |
|              | Origem do português                       | 1     |
|              | Programa de pós-graduação                 | 1     |
|              | Tópico de gramática                       | 2     |

TABELA 6 - Região Nordeste/ UFPI

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações | Descrição por temática/objeto investigado | Total | Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|--------------|---|-------|-------|---|-------|
| 3            | Gramáticas de autores brasileiros         | 1     | 1     | Tradição sociodiscursiva                  | 1     |
|              | Gramáticas de linguistas                  | 1     |       |   |       |

TABELA 7 - Região Nordeste/ UFPB

Fonte: elaborada pelos autores

| Teses | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|-------|---|-------|
| 3     | Teoria                                    | 3     |

TABELA 8 - Região Sudeste/UNESP

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|--------------|---|-------|
| 3            | Autor                                     | 1     |
|              | Autor-obra                                | 1     |
|              | Artigos programáticos                     | 1     |

TABELA 9 - Região Sudeste/ UPM-SP

Fonte: elaborada pelos autores

| Dissertações | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|--------------|---|-------|
| 2            | Documentos da imprensa                    | 1     |
|              | Provas de vestibulares                    | 1     |

TABELA 10 - Região Sul/ UNIVALI-SC

Fonte: elaborada pelos autores

| Tese | Descrição por temática/objeto investigado | Total |
|------|---|-------|
| 1    | Autor-obra                                | 1     |

TABELA 11 - Região Sul/ UFPR

Fonte: elaborada pelos autores

O levantamento mostra a multiplicidade de objetos que podem ser investigados pela HL, além de evidenciar as preferências por temáticas dos orientandos, mas também dos orientadores, visto que a orientação se dá por meio da anuência de um professor que, na maioria das vezes, está ligado a uma linha de pesquisa. Observe-se, ainda, a partir dos dados fornecidos pelas tabelas, que dos 136

trabalhos avaliados 48 têm como temática ou objeto investigado autores, obras ou autores/obras, perfazendo um total de 35%.

Após a apresentação dos dados referentes à descrição dos pesquisadores, dos grupos de pesquisa em HL, da quantidade de materiais já produzidos na área, das regiões brasileiras que concentram a maior quantidade dessas pesquisas e das temáticas/objetos que mais foram investigados, passa-se, por fim, à apresentação dos dados referentes às disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras, o que se fará no próximo tópico.

#### 4.5 Descrição das disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras

O último aspecto examinado diz respeito às disciplinas em HL ministradas nas universidades brasileiras. No quadro 3, constam os professores, as universidades, o nível de ensino e o ano em que as disciplinas foram ministradas.

| Universidade | Ministrante | Disciplina  | Nível de ensino | Ano             |
|--------------|-------------|---|-----------------|-----------------|
| USP          | Altman      | 1. Historiografia Linguística   | graduação       | 2015-atual      |
|              |             | 2. História e Historiografia da Linguística Brasileira                                  | pós-graduação   | 2000-atual      |
|              |             | 3. Historiografia da Linguística: a formação da Linguística Brasileira                  | pós-graduação   | 1995-1998       |
| USP          | Coelho      | 1. Historiografia Linguística   | graduação       | 2018-atual      |
| Mackenzie    | Coelho      | 1. Linguística III (Historiografia Linguística)   | graduação       | — <sup>36</sup> |
| PUC-SP       | Bastos      | 1. Língua Portuguesa e o fazer historiográfico  | pós-graduação   | 2019            |
|              |             | 2. Origem e evolução do português: estudos historiográficos                             | pós-graduação   | 2018            |
|              |             | 3. Língua Portuguesa e o fazer historiográfico  | pós-graduação   | 2016            |
|              |             | 4. Língua Portuguesa e o fazer historiográfico  | pós-graduação   | 2014            |
| PUC-SP       | Hackerott   | 1. História e Historiografia da Gramática de Língua Portuguesa e do Ensino de Português | graduação       | 2010-2015       |

<sup>36</sup> No Lattes da pesquisadora, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 2001 e 2006, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

|           |            |  |                |                    |
|-----------|------------|--|----------------|--------------------|
| PUC-SP    | Casagrande | 1. História e Historiografia de Gramáticas Portuguesas   | especialização | ___ <sup>37</sup>  |
|           |            | 2. História e Historiografia da Língua e Gramáticas Portuguesas  | especialização | ___                |
|           |            | 3. História e Historiografia da Língua Portuguesa  | graduação      | ___                |
| Mackenzie | Batista    | 1. Historiografia Linguística  | graduação      | 2010               |
|           |            | 2. Historiografia Linguística  | graduação      | 2009               |
|           |            | 3. Historiografia Linguística  | graduação      | 2008               |
| UFRJ      | Rosa       | 1. Historiografia Linguística: panorama histórico da tradição greco-latina   | pós-graduação  | ___ <sup>38</sup>  |
|           |            | 2. Tópicos avançados em Historiografia da Linguística: o estabelecimento da teoria das partes da oração  | pós-graduação  | ___                |
|           |            | 3. Tópicos avançados em Historiografia da Linguística - Documentação sobre línguas faladas no Brasil: gramáticas jesuíticas dos séculos XVI e XVII | pós-graduação  | ___                |
| UFF-RJ    | Cavaliere  | 1. Estudos historiográficos  | pós-graduação  | ___ <sup>39</sup>  |
| UFF-RJ    | Kaltner    | 1. Historiografia da Linguística - Introdução à Gramaticografia e à Linguística Missionária  | pós-graduação  | 2020               |
|           |            | 2. Historiografia da Linguística - Humanismo renascentista   | pós-graduação  | 2019 <sup>40</sup> |
| UFG       | Milani     | 1. Historiografia Linguística: o signo, o indivíduo e o sujeito  | pós-graduação  | 2017               |
|           |            | 2. Historiografia Linguística de Ferdinand de Saussure   | pós-graduação  | 2016               |

<sup>37</sup> No *Lattes* da pesquisadora, constam 3 disciplinas ministradas em HL, no entanto, em nenhuma delas fica claro o ano em que foram ministradas, isso porque elas foram descritas juntamente com outras disciplinas.

<sup>38</sup> No *Lattes* da pesquisadora, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1996 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

<sup>39</sup> No *Lattes* do pesquisador, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1997 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

<sup>40</sup> No *Lattes* do pesquisador, além dessas duas disciplinas datadas, aparecem mais duas informações sobre disciplinas ministradas na área da HL. As outras duas informações têm os mesmos títulos *Historiografia da Linguística - Introdução à Gramaticografia e à Linguística Missionária* e *Historiografia da Linguística - Humanismo renascentista*, no entanto, estas aparecem juntamente com uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 2013 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

|            |       |   |               |                 |
|------------|-------|---|---------------|-----------------|
|            |       | 3. Historiografia Linguística: fundamentos e aplicações           | pós-graduação | 2009            |
|            |       | 4. Teoria Semiótica: historiografia, fundamentos e aplicações     | pós-graduação | 2009            |
|            |       | 5. Historiografia Linguística: Humboldt e o século XIX            | pós-graduação | 2007            |
| UNIVALI-SC | Luna  | 1. Historiografia do Ensino de Línguas                            | pós-graduação | — <sup>41</sup> |
| UFPI       | Anjos | 1. Historiografia Linguística: pressupostos teórico-metodológicos | pós-graduação | 2019            |

QUADRO 3 - Disciplinas em HL ministradas em universidades brasileiras  
Fonte: elaborado pelos autores

A partir das informações presentes no quadro 3, é possível verificar que pelo menos 29 disciplinas já foram ofertadas com a designação de HL, isso significa que, nas universidades identificadas, desde 1995 há espaço para reflexões acerca da HL nas instituições de ensino superior brasileiras. Um ponto que se sobressai no quadro 3 é a prevalência de disciplinas ministradas na pós-graduação (19 ocorrências, o que equivale a 65,5%); seguido de disciplinas ministradas na graduação (8 ocorrências, o que equivale a 27,5%) e de disciplinas ministradas em especializações (2 ocorrências, o que equivale a 7%).

Partindo da análise das descrições, observa-se o predomínio de disciplinas ministradas na pós-graduação, aspecto que pode estar relacionado ao fato de nessa etapa de formação acadêmica os cursos contarem com alunos experientes, visto que a conclusão da graduação é condição essencial para o ingresso na pós, além de serem voltados para a pesquisa, visando uma formação mais especializada em determinada área de pesquisa. Isso facilitaria, de certo modo, o investimento e o desenvolvimento de “novas” teorias e metodologias.

Se, por um lado, promover essas discussões, por meio de disciplinas e/ou do desenvolvimento de pesquisas na pós-graduação, favorece a divulgação da área, seja pela produção de dissertações, teses, artigos científicos, só para citar alguns, tendo em vista que são exigências nessa etapa da formação acadêmica, por outro, a falta ou a pouca divulgação dessas disciplinas e, conseqüentemente, dessas discussões na graduação, de certa forma, dificulta que mais alunos conheçam a área ou se interessem por desenvolver pesquisas desde a graduação em iniciações científicas, por exemplo, ou ainda que sejam privados de ter uma formação mais abrangente e, por conseguinte, para aqueles que não seguem nas etapas de formação depois da graduação, muitas vezes, formem-se sem sequer ter ouvido falar de determinada área de pesquisa.

Isto posto, passa-se, a partir de agora, a algumas considerações acerca do percurso que se tentou construir neste artigo.

<sup>41</sup> No Lattes do pesquisador, aparece uma sequência de disciplinas ministradas entre os anos de 1999 e o ano atual, não ficando claro o ano em que cada uma delas foi ministrada.

## 5 Considerações finais

A exposição apresentada permitiu traçar um panorama que vislumbra aspectos importantes sobre o início dos estudos em HL no Brasil, sobre a institucionalização da disciplina nas universidades, sobre a formação de grupos de especialidade em HL, bem como sobre características próprias da HL praticada no Brasil, especificamente em relação à propagação da disciplina, à quantidade de pesquisadores e de grupos de pesquisa já consolidados, às regiões que mais concentram pesquisadores em HL, à quantidade de materiais que foram produzidos nessas quase três décadas de pesquisa na área, além das temáticas mais abordadas em trabalhos acadêmicos e das disciplinas ministradas que divulgam cada vez mais a HL no Brasil.

Essa gama de informação permite caracterizar a HL como uma disciplina autêntica e legitimada pelas universidades e pelos pesquisadores brasileiros. Ressalte-se aqui, ainda, que os pesquisadores com perfil de liderança, capazes de executar boas ideias de pesquisas e de recrutar e formar novos especialistas em torno de uma teoria relevante, foram/são os responsáveis pela formação de diversos grupos de especialidade em HL e consequentemente pelo reconhecimento que a área adquiriu nas instituições brasileiras. Com relação à produção de materiais que divulgam o escopo teórico-metodológico, é notório, sobretudo pelos números apresentados como resultado da catalogação dos dados para esta pesquisa, o esforço feito por parte dos pesquisadores em divulgar as ideias, a teoria e a metodologia que são próprias da área. As categorias eleitas para a investigação são, inclusive, indicadores, em tese, da qualidade dos trabalhos divulgados, uma vez que foram investigados materiais que passaram minimamente por etapas de avaliação que conferem a eles o que se pode denominar de um “selo de qualidade”, isto é, pareceres às cegas, quando se trata de artigos científicos publicados em periódicos, conselhos editoriais de universidades, quando se trata de livros ou capítulos de livros ou, ainda, pareceres de professores universitários, quando se trata das etapas de qualificação de trabalhos em nível de graduação e de pós-graduação.

A HL ainda tem um longo percurso a trilhar no Brasil, mas está claro que um caminho já foi traçado. Para concluir, por ora, apropriamo-nos das palavras de Altman (2021), que na ocasião referia-se aos conhecimentos já produzidos sobre as ciências da linguagem, mas que poderia ter sido escrito sobre o conhecimento produzido sobre HL no Brasil:

O conhecimento, também aquele produzido pelas ciências da linguagem, não nasce sozinho de uma ideia luminosa, de um estalo brilhante em uma noite de insônia. Ele é resultado de um longo caminho de ensaios e erros, de divergências e convergências, de continuidades e descontinuidades ao longo da história, percorrido diariamente por estudiosos em trabalhos de campo, em laboratórios, e em horas de reflexão e estudo em suas mesas de trabalho (ALTMAN, 2021, p. 251).

A HL certamente tem muito a contribuir como disciplina e como especialidade de pesquisa para aqueles que se dedicam a estudar e a desenvolver pesquisas na área de Letras e Linguística.



## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia* [tradução da 1ª edição brasileira coordenada e revista por Alfredo Bosi]. 5 ed. São Paulo: Martins Pontes, 2007.
- ALONSO, Miguel C. Multidimensionalidad, Complejidad y Dinamismo en la historiografía lingüística y en su definición del concepto tradición. *Todas as letras*. v.14. n. 1. 2012, p. 71-86. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/.../3495>>. Acesso em: 14 agost. de 2021.
- ALTMAN, Cristina. *A pesquisa lingüística no Brasil (1968-1988)*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.
- ALTMAN, Cristina. História, estórias e historiografia da lingüística brasileira. *Todas as letras – Revista de Língua e Literatura*. v. 14, n. 1, 2012, p. 14-37. Disponível em: <<http://http://www.editorarevistas.mackenzie.br>>. Acesso em: 05 jun. 2021.
- ALTMAN, Cristina. A ciência, a história da ciência e o seu ensino. *Confluência*. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, especial 30 anos, p. 233-257, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.18364/rc.2021nEsp.506>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- BASTOS, Neusa Barbosa; PALMA, Dieli Vesaro. (orgs.). *História Entrelaçada 3: a construção de gramáticas e o Ensino de Língua Portuguesa na segunda metade do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. A recepção à gramática gerativa no Brasil (1967-1983): um estudo historiográfico. 2007. 190f. *Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral)* – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2007.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à Historiografia da Lingüística*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Fundamentos da pesquisa em Historiografia da Lingüística*. São Paulo: Editora Mackenzie, 2020.
- BÉDARIDA, François. Tempo presente e presença da história. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 219-229.
- CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 215-218.
- DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. In: *Revista Tempo e Argumento*. Florianópolis, v. 4, n. 1. 2012, p. 05 – 22. DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/2175180304012012005>. Acesso em: 04 jul. 2021.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. *História do tempo presente: desafios*. Cultura Vozes, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.
- KOERNER, E. F. K. Historiografia Lingüística. In: *Quatro décadas de Historiografia Lingüística: estudos selecionados*. Centro de Estudos em Letras: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, 2014 [1994]. p. 17-28.
- LAUDAN, Lerry. *O progresso e seus problemas: rumo a uma teoria do crescimento científico* [tradução Roberto Leal Ferreira]. São Paulo: Editora Unesp, 2011 [1978].
- LEITE, Marli Quadros. Historiografia da Lingüística e História das Ideias Lingüísticas: aproximação e distanciamento. In: *Historiografia da Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2019. p. 139-181.

MURRAY, Stephen O. Theory Groups in Science. In: *Theory Groups and The Study of Language in North America*. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam/Philadelphia. 1994. p. 1-26.

PASSERINI, Luisa. A “lacuna” do presente. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 211-214.

RÉMOND, René. Algumas questões de alcance geral à guisa de introdução. In: *Usos e abusos da história oral* [tradução: Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes]. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 203-209.

ROVER, Ardinete; MELLO, Regina Oneda. *Normas da ABNT: orientações para a produção científica*. Joaçaba: Editora Unoesc, 2020.

SUGIYAMA, Enio. O ensino de linguística no Brasil: efeitos do processo de institucionalização da disciplina na configuração curricular dos cursos de letras e linguística. São Paulo: Universidade de São Paulo. *Tese de Doutorado*, CEDOCH-DL-USP, 2020.

SWIGGERS, Pierre. Modelos, Métodos y Problemas em la historiografía de la lingüística. *Nuevas Aportaciones a la historiografía lingüística*. Actas del IV Congreso Internacional de la SEHL. La Laguna (Tenerife), 22 al 25 de octubre de 2003. 2004, p. 113-146. Disponível em: <https://silotips/download/modelos-metodos-y-problemas-en-la-historiografia-de-la-linguistica>. Acesso em: 20 mai. 2021.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*. I, 1, 2009, p. 67-76. Disponível em: <http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6>. Acesso em: 03 jun. 2021.

SWIGGERS, Pierre. A Historiografia da Linguística: Objeto, Objetivos, Organização [trad. de Ricardo Cavaliere]. *Revista Confluência*. n. 44/45, 2013, p. 39-50. Disponível em: <http://lp.bibliopolis.info/confluencia>. Acesso em: 25 jul. 2021.

SWIGGERS, Pierre. Entre Lovaina e São Paulo, através dos cinco sentidos da história. In: *A historiografia lingüística no Brasil (1993-2018): Memória, Estudos*. Olga Coelho (organizadora) – Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.